

# **MIGUEL TORGA**

ENSAIOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto

e

DG Edições  
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º  
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-54908-4-4

Depósito Legal: 475643/20

Primeira edição: Novembro de 2020

DOI: 10.21747/9789895490844/mig

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

# TORGA, UMA POESIA DA ALMA E DA PAISAGEM: ENRAIZAMENTO E VIAGEM

Joaquim Escola

## 1. Introdução

Pensar Miguel Torga é uma tarefa extraordinariamente complexa atendendo à vastidão da obra produzida e à diversidade de que a mesma se compõe. A distribuição da obra de Torga pelos vários géneros literários como a poesia, prosa, contos, diário, teatro ou mesmo textos de intervenção, confirmam esta dificuldade. A proposta dos organizadores deste número monográfico era pensar o escritor de São Martinho de Anta centrado no título “Torga, uma poesia da alma e da paisagem”. Meditar sobre a poesia da alma e da paisagem quis ainda incluir três dimensões que me parecem centrais no pensamento e obra de Miguel Torga, isto é, a questão do enraizamento, da viagem e da liberdade.

## 2. Poesia da alma e da paisagem

As dificuldades hermenêuticas reveladas por alguns dos leitores de Torga, apontando dimensões fora do quadro intencional do autor, a falta de elevação de alguns críticos literários apostados em veicular uma imagem distorcidas do autor foi algo que incomodou desde sempre Torga. Com alguma irritação escrevia no dia 10 de setembro de 1991, no Diário XVI:

Ninguém sabe nada de ninguém. Morremos inéditos. Tanto tenho dito de mim, por palavras e obras, e pasmo diariamente diante da incompreensão dos mais íntimos. Foi inútil e inglório todo o meu esforço para ser transparente aos olhos do mundo. Os rabos-leva que os inimigos me colaram modelaram-me uma imagem a que nenhum desmentido valeu. Fiquei a ser não o poeta que realmente sou, mas o monstro que me inventaram. (Torga, 1993, 103)

O texto atesta de forma clara o repúdio do poeta sobre muito do que se escreveu e escrevia sobre si. Sendo o último diário do autor, a afirmação que anteriormente transcrevemos reforça a importância do sentimento que o autor partilha com o leitor e que comprova o que foi alimentando ao longo

da vida. Ao mesmo tempo a passagem transcrita sublinha a convicção de que apesar de um tão longa vida literária Torga tem consciência da dificuldade de sermos adequadamente interpretados com a afirmação tão categórica de que “morremos inéditos”, o que, por si só, aumenta a responsabilidade do que possa propor como temática a desenvolver. A esta dificuldade acresce uma outra que o autor regista como dificuldade de ler corretamente a paisagem, de a combinar a palavra poética. O autor regista no dia 5 de julho de 1973 no Carvoeiro, no Diário XII (Torga, 1983, 40-41):

Chego ao fim da vida sem saber ler corretamente à primeira vista o mais simples trecho do livro da natureza. Abre-se um panorama diante de mim e o mais que consigo imediatamente é soletrá-lo. Só depois de muitas tentativas é que os olhos se habilitam a deslizar por ele sem tropeçar. Talvez porque enquanto entrou em cena um outro poder de apreensão: a força imperiosa da palavra. Um poeta vive em desequilíbrio enquanto a magia da letra não dá cobertura à lição dos sentidos. É a óptica do poema que organiza a paleta das percepções. Por isso, apenas quando começa a cantar começa a entender. Daí, certamente, essa minha lenta aprendizagem visual, e também o facto de nenhuma paisagem me cansar. Nunca consigo esgotá-la. O espanto renasce cada vez que um novo verso lhe revela uma nova aparência. (Torga, 1986, 40-41)

Considerámos, como ficou explícito no título que escolhemos para o artigo que a poesia de torga se poderia pensar como uma poesia da alma e da paisagem. A noção de alma, foi pensada a partir da etimologia, quer no pensamento grego, latino ou mesmo semita. Nestes a alma possui um lugar central, algo que mantém ou anima a vida do ser humano. A *psyché* grega está associada ao verbo soprar e aparecia com o significado de sopro, respiração, força vital, a vida sentida como sopro. A palavra latina *anima*, *ae*, equivalente do conceito grego de *psyché*, está também associada ao sentido de sopro, de ar e, posteriormente, aparece como “princípio vital”. O vocábulo latino de *animus*, que pode ter sido uma transliteração do grego *animus*, aparecia com o sentido de “vento, agitação da alma, paixão.”

No pensamento semita a palavra hebraica *nefes*, traduzido por *psyché*, ou *anima*, refere-se ao ser vivo, não a uma noção abstrata de vida. Emerge com o sentido de sopro e em árabe (*nafsum*) como espírito. O conceito de alma em Torga combina a ideia de um sopro, uma força vital, mas também como *animus* vento, agitação da alma, paixão.

Na obra poética de Torga a alma, de uma forma recorrente, aparece como o mais interior do homem, algo que verdadeiramente impulsiona interior-

mente o ser humano, espaço mais recôndito onde se encontra autenticamente o eu do sujeito, onde habita o poeta. Mas é também o local da luta, da agitação, da guerra interior, espaço onde se digladiam as forças interiores de cada sujeito, forças que se opõem e confrontam. A luta interior de que o poeta nos dá conta, em tantos momentos, mostra à exaustão o quanto os “demônios” interiores o inquietaram na viagem em direção a si próprio, o quanto buscou manter a sua identidade (única e irrepetível). O ar, o vento têm na poesia torgeana a função libertadora.

Poderíamos aproximar Torga de Pascoaes quando este na *Arte de Ser Português* (1991, 54) (Pascoaes, Teixeira (1991) *A Arte de Ser Português*. Lisboa: Assírio e Alvim) “A paisagem não é uma coisa inanimada; tem uma alma que atua com amor ou dor sobre as nossas ideias ou sentimentos.” O respeito pela obra do poeta amarantino fica expresso em vários textos, mas de uma forma inequívoca na homenagem que lhe é prestada e viria a ser publicado no *Fogo Preso* (1976, 45-52). Escreve Torga:

Como então, é ainda na simples qualidade de leitor que conheço e admiro. Sou vizinho do outro lado do Marão – o Marãos antropomorfizado do Poeta —, tendo-lhe passado à porta algumas vezes, nessa bucólica Amarante que é como nenúfar aberto na frescura do Tâmega, mas o destino só agora nos pôs frente a frente. A situação do leitor me bastava, porém, para lhe dar no meu respeito o lugar a que tem jus pelo seu gênio e, sobretudo, pela índole desse gênio. É que talvez nunca tivesse nascido em Portugal estro tão medularmente nosso, tão profundamente consubstanciado com a alma da grei, no que ela oculta de brumoso, atormentado e abissal, sob a capa de uma grandeza lírica e versátil. (...) Nenhum como Pascoaes capaz de uma identificação tão íntima com as raízes do que somos como homens específicos, plantados, ainda mais espiritual do que carnalmente, num chão específico. (Torga, 1976, 47)

A propósito de Teixeira de Pascoaes discute a condição do português como ser experimentando a condição de um vínculo telúrico ao seu espaço gene-siaco, mas ao mesmo tempo, transportando consigo a condição de exilado, ansiando o regresso à terra prometida. Fora do nosso espaço alimentamos esta dimensão que nos torna únicos, a saudade. A esperança é a resposta a quem está sempre ameaçado pelo desespero. As temáticas mais caras à filosofia da existência emergem na obra do poeta. A existência, a morte, o amor, a fidelidade, a esperança, a problemática da existência de Deus atravessam a obra de Torga.

Nascemos aqui, mas nascemos desterrados, reais ou potenciais, e sempre com parte de sangue no exílio. (...) De aí que no subconsciente individual e coletivo lavre um fogo surdo de amor agónico à pátria, ao mesmo tempo transfigurada em terra eleita e terra perdida. Sem darmos conta ou sem confessar ao entendimento, olhamos a paisagem quotidiana a vê-la fugir-nos dos olhos, aquecemo-nos a lareiras onde o lume a arder é já um fogo fátuo, abraçamos corpos amados que são ilusões.

Mas essa ausência, nossa ou dos nossos, presença viva em saudade, tem o lenitivo da esperança. O navio ou o comboio que nos levou ou os levou, há-de regressar, mais cedo ou mais tarde. Nesse dia, dia de nevoeiro, por sinal, trará ao lar vazio o desejado, um mítico D. Sebastião, que apenas terá outro nome.

Ora Teixeira de Pascoaes é o trágico aedo existencial dessa nossa condição de eternos exilados da realidade, de encobertos no descoberto, de perseguidores de miragens. (Torga, 1976, 48-9)

Em torga vislumbramos em cada momento este olhar que comunga com as forças da natureza, revelando o profundo respeito que a terra mãe lhe inspira, mas também mostra a revolta, a recusa perante o poder desmesurado que em muitos casos esta desvela, esmagando o homem. Esta paisagem transmontana produziu homens rijos, resilientes, capazes de resistir às contrariedades e aos obstáculos de um território agreste, guiados pelos mais elevados valores que se refletem na simplicidade e elevação de caráter. É assim que Torga fala dos seus conterrâneos, dos habitantes do “Reino Maravilhoso”, na obra *Portugal*:

Homens de uma só peça, inteiriços, altos e espadáudos, que olham de frente e têm no rosto as mesmas rugas do chão. (...)

Às vezes agridem-se uns aos outros com tamanha violência que parecem feras. Mas olhados de perto esses nefandos crimes, vê-se que os motiva apenas uma exacerbação de puras e cristalinas virtudes, que só não são teologais porque Deus não quer. Fiéis à palavra dada, amigos do seu amigo, valentes e leais, são movidos por altos sentimentos que matam ou morrem. Ufano da alma que herdaram, querem-na sempre lavada, nem que seja com sangue. A lendária franqueza que vem nos livros, é deles, realmente. Mas radica na mesma força interior que, levada à cegueira da exaltação, pode chegar ao assassínio. Bata-se a uma porta, rica ou pobre, e sempre a mesma voz confinada nos responde:

– Entre quem é!

Sem ninguém perguntar mais nada, sem ninguém vir à janela espreitar, escancara-se a intimidade duma família inteira. O que é preciso agora é merecer a magnificência da dádiva. (Torga, 1993, 36-37)

Mas é também enquanto poeta da paisagem, que deixa que nos seus textos se fixe o deslumbramento com esta natureza que se mostra ao ser humano no seu exorbitante poder, recordando-lhe em cada momento a fragilidade e finitude da sua condição, enquanto corpo, enquanto mantém o vínculo ao mundo, isto é, como existente concreto, ser-no-mundo (Heidegger, 1987), Sartre (1943, 1970), ser em situação (Marcel, 1940, 1944, 1947), ser-para-a-morte (Heidegger, 1987), consciente das situações-limite (Karl Jaspers, 1989) e, portanto, da sua finitude. A Terra-Mãe, as paisagens em que se desvela assomam em cada frase, em cada verso harmonizando-se e conformando-se com as paisagens da alma torgiana.

Na leitura de pensamento de Miguel Torga destacámos três dimensões fundamentais: o enraizamento, a viagem e a liberdade.

## **2.1. Enraizamento, viagem e liberdade**

A obra de Torga concede um lugar especial à problemática do enraizamento e à viagem. O cidadão e médico Adolfo Coelho da Rocha ao escolher como pseudónimo Miguel Torga dá, de imediato, um sinal importante do enraizamento, do vínculo tão estreito e umbilical que mantém com o espaço, com a paisagem agreste de Trás-os-Montes e Alto Douro, com São Matinho de Anta ou Antas ou mesmo com a península ibérica. Se a escolha do pseudónimo Miguel é claramente uma homenagem a dois vultos incontornáveis da literatura ibérica e mundial, Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno, a opção pelo apelido torga é o estabelecimento de uma filiação ao mundo natural, vegetal, a alusão a uma planta que marca visualmente a paisagem das serranias, com duas características importantes: a resistência, absolutamente essencial no ambiente agreste em que cresce e as raízes profundas que lança na rocha e a mantém firme, pontuando a branco e a cor de vinho o cinzento granítico que se estende no horizonte, emprestando à paisagem em redor de São Martinho de Anta uma beleza única. Encontramos uma proximidade ao poeta Walt Whitman, quando apela também ele a uma planta para falar de uma dimensão tão importante na sua poesia que é a intersubjetividade. O cálamus é para Whitman o símbolo da amizade. A multiplicação das raízes para mais facilmente se agarrar ao ambiente aquático e instável em que se desenvolve, o caule alto e firme com que desafia o céu

e os ventos, simbolizam a força dos vínculos, a centralidade da amizade no quadro das relações intersubjetivas. Em Torga o arbusto conhecido como *torga*, também designado como “brezo português” ou “erica lusitânica”, simboliza um vínculo entre o ser humano e a terra-mãe, que a partir de si também celebra a comunhão fraterna entre os irmãos.

O enraizamento, a ligação ao torrão mais original, está presente em Torga de uma forma muito clara. Mesmo quando deambula pelo mundo, conserva sempre esta imensa alegria de mergulhar de novo no solo pátrio. Há, nesta questão uma proximidade ao pensador Martin Heidegger. Este sentido de pertença, de unidade, na sua ligação à floresta negra, aos caminhos, canais que se desenham neste mar de árvores, à cabana que o pensador germânico visita com regularidade, permitem-nos estabelecer a relação entre Torga e Heidegger. São Martinho de Anta, as paisagens abertas, as penedias, vinhedos são o refúgio que o poeta procura, a terra que o fortifica. Não é por isso de estranhar que o mito de Anteu desempenhe um tão relevante papel no poeta. Anteu, filho de Posídon e de Gea, é imortalizado pela imagem da força a que é associado, desafiando todos os que com ele se cruzam e a quem destrói. O gigante revela uma extraordinária força. O segredo é que a mesma está na dependência do contacto com o chão, com a terra, com a mãe (Gea). Herácles descobrindo que a sua fragilidade era a perda de ligação ao solo, eleva-o e acaba por conseguir derrotá-lo. Da mesma forma poder-se-ia estabelecer o paralelo com Torga e a sua terra natal. No Diário XI, São Martinho de Anta, 20 de setembro de 1968, regista a este propósito:

De todos os mitos de que tenho notícia, é o de Anteu que mais admiro e mais vezes ponho à prova, sem me esquecer, evidentemente, de reduzir o tamanho do gigante à escala humana, e o corpo divino da terra olímpica ao chão natural de Trás-os-Montes. E não há dúvida de que os resultados obtidos confirmam a sua veracidade. Sempre que, prestes a sucumbir ao morbo do desalento, toco uma destas fragas, todas as energias perdidas começam de novo a correr-me nas veias. É como se recebesse instantaneamente uma transfusão de seiva. Sei, contudo, que o prodígio não aconteceria sem a força amorosa do meu apelo, que as virtudes terapêuticas da fonte estão também na certeza da sede de quem bebe. A fé que no evangelho move montanhas, é, claramente, a mesma que na Grécia, de uma maneira mais bela e profunda, permitia a cada mortal ressuscitar no seio da sua própria matriz. Por isso, à medida que repito o gesto salutar, vou conferindo o grau da minha crença nele. E quando chegar o dia em que a debilidade do ânimo seja tanta que já não consiga sequer confiar



no valor do condão? Finos, os antigos entenderam logo de entrada que o fabuloso não é mais do que a realidade aureolada. Que basta um homem ficar com a vontade tolhida para que Hércules — um dos muitos disfarces da morte — o vença irremediavelmente. Mas como compreenderam ao mesmo tempo que convinha em todas as circunstâncias preservar a beleza das alegorias, o carrasco só levanta a vítima nos ombros, e torna assim impossível o contacto miraculoso, no preciso momento em que ela não é mais do que a encarnação da indiferença. (Torga, 1991, 21-22)

Simbolicamente, sobretudo nos Diários multiplicam-se as passagens que mostram essa necessidade vital de regressar ao espaço onde nasceu, urgência de regressar, responder ao apelo da terra tal como Ulisses, mesmo embrenhado nas suas aventuras nunca deixa de sonhar com o regresso à sua Ítaca, e a deixar que as suas raízes, que o ligam vitalmente ao território de origem, seiva essencial de que se nutre, voltem a animá-lo. O poema Ulisses ou mesmo o poema Penélope (Torga, 1968, 54) comprovam-no. Ulisses representa o fascínio pela viagem, os perigos que a mesma esconde, a vontade e a resistência para escapar ao canto das sereias que o podiam condenar à errância e afastá-lo para sempre do seu torrão natal, enfraquecendo o desejo de voltar. A figura de Penélope congrega a imagem da mais elevada experiência do amor, da fidelidade e, em última análise, da própria esperança valores tão importantes na obra de Torga.

Penélope  
Ulisses desterrado  
no mar da vida,  
digo o teu nome e encho a solidão.  
Mas pergunto depois ao coração  
Por quanto tempo poderás ainda  
Tecer e destecer a teia da saudade...  
Vê se não desesperas  
E me esperas  
Até que eu volte, e à sombra da velhice  
Te conte, envergonhado,  
As indignas façanhas  
Que cometi  
Na pele do semi-deus que nunca fui...  
Sê tu divina, de verdade, aí,  
Nessa ilha de esperança,  
Fiel ao nosso amor

De humanas criaturas.  
Faz que seja bonito  
O mito  
Das minhas aventuras.

(Torga, 1968, 54)

Há uma presença constante de algumas divindades da mitologia grega e latina, mas também algumas figuras bíblicas do velho e novo testamento na obra poética de Torga. São quase sempre figuras marcadas pelo infortúnio, por um destino penoso, envolto em sofrimento e morte, mas no limite brilha sempre a liberdade e a esperança. Nos títulos de algumas das obras estas dimensões são evidentes: *O Outro livro de Job*, (Torga, 1936), *Lamentação*, (Torga, 1970), *Nihil Sibi* (Torga, 1975), *Penas do Purgatório*, (Torga, 1976), *Câmara Ardente*, (Torga, 1983-2).

Uma das figuras da mitologia grega que conquista espaço na obra de Torga é Tântalo. Condenado pelos deuses, segundo alguns por ter revelado segredos dos deuses, tal como Sísifo, segundo outros por ter servido o seu próprio filho num banquete aos deuses, sofre atormentado com fome e com sede. Apesar de ter ao alcance das suas próprias mãos frutos deliciosos, sempre que esboça o gesto de aproximação, um vento poderoso afasta-os de si. Ainda que esteja dentro de um poço com água não consegue beber pois, sempre que se baixa para beber, a água esvai-se. Tudo tão dramaticamente perto e, ao mesmo tempo, tão penosamente distante. No dia 20 de julho de 1955, no Diário VII dedica um poema a Tântalo:

#### Tântalo

A que Deus implorar qualquer ajuda,  
Se sou eu que fabrico as divindades!  
Imagino,  
Imagino,  
E, de tanto subir, chego ao divino.

Mas nenhum sequioso mata a sede  
A beber na miragem de uma fonte.  
Grito,  
Grito,  
E, quanto mais acima, mais aflito.

(Torga, 1956, 1983)

Sísifo é uma das figuras mais dramáticas da mitologia grega e ocupa um lugar nuclear na obra de Torga. O seu comportamento e sua desobediência desencadeiam a ira de Zeus e a sua condenação à morte. Ardiloso consegue que Hades o deixe regressar ao mundo vivos para supostamente punir a esposa por não lhe ter prestado as exéquias fúnebres. De volta ao mundo dos vivos recusou regressar. Hermes, mensageiro dos deuses e condutor das almas, perante esta atitude condenou-o a transportar uma enorme pedra até ao cimo de uma montanha. Quando atingisse o cume, via pedra invariavelmente deslizar e, de novo, voltava a ser obrigado a empurrar uma e outra vez a pedra até ao cimo da montanha. Pior do que a morte era esta penosa tarefa a ser eternamente realizada. A figura de Sísifo será uma das mais marcantes no pensamento existencial, sobretudo no pensamento de Albert Camus (2002), símbolo do absurdo da existência humana. Como Camus, Torga apropria-se de Sísifo para o aproximar de si e, de uma forma geral do transmuntano. Escreve em 3 de abril de 1976:

O isolamento, a dureza, do chão, os rigores do clima, o tipo de granjeio, a largueza dos horizontes, acabaram por nos imprimir uma fisionomia pessoal e gregária que nenhuma ação exterior conseguiu, até hoje desfigurar. Sedimentaram-se em nós, nas parcelas e na soma, milénios de obstinação, de brio e de solidariedade. Tínhamos de plantar ravinas, de arrotear planaltos, de pulverizar fraguedos, de esventrar montanhas; tínhamos de pastorear, de vindimar, de ceifar e de malhar em conjunto; tínhamos de nos acudir uns aos outros quando os incêndios lavravam, as trovoadas devastavam, as desgraças batiam ao ferrolho; tínhamos em suma, de perseverar e colaborar, quiséssemos ou não. E queríamos. Dessa maneira, fomos arreigando na consciência e no comportamento uma teimosia de Sísifos voluntários e uma irmandade de abelhas do mesmo cortiço. (Torga, 1989, 114)

No XII volume do seu Diário, no dia 27 de dezembro de 1977 concede a Sísifo um magnífico poema, pondo a tónica no gesto inúmeras vezes realizado por este condenado, mas onde reconhece a humanidade e a liberdade no gesto nobre do recomeço, no árduo caminho que está condenado a percorrer:

Sísifo  
Recomeça...  
Se puderes,  
Sem angústia e sem pressa.  
E os passos que deres

Nesse caminho duro  
Do futuro,  
Dá-os em liberdade.  
Enquanto não alcances  
Não descanses.  
De nenhum fruto queiras só metade.

E, nunca saciado,  
Vai colhendo  
Ilusões sucessivas no pomar.  
Sempre a sonhar  
E vendo,  
Acordado,  
O logro da aventura.  
És homem, não te esqueças!  
Só é tua a loucura  
Onde, com lucidez, te reconheças...

(Torga, 1983, 20)

O diálogo com a mitologia a partir de Orfeu e Eurídice é extraordinariamente sugestivo para pensar a questão da existência, do amor e da morte. Em vários momentos dedicou a Orfeu dos seus mais belos poemas. No livro de poesia *Odes*, publicada pela primeira vez em 1946, o poeta inicia a obra com o poema a Orfeu (Torga, 1977, 7). No Diário VI, no dia 8 de setembro de 1952, dedica-lhe um novo poema (Torga, 1978,122). Volta de novo, alguns anos mais tarde, em 1958 a Orfeu, transformando-o no objeto da obra poética a que deu o título sugestivo de *Orfeu Rebelde*. Essa centralidade fica marcada, de forma inequívoca, nesta última obra. Orfeu, filho de Apolo, deus da poesia, aparece também associado à poesia, ao canto e à música, celebrizado pela capacidade de provocar o encantamento em quem o escutava, independentemente de ser homem, animal ou planta. Orfeu simboliza muitas vezes o próprio poeta, pela tenacidade com que se bate pelo que ama, não hesitando em mergulhar no Inferno, num acordo que acabou por ser uma eterna condenação do próprio e de Eurídice. A promessa que fizera a Hades, deus do inferno e à esposa Perséfone, de não olhar para trás na viagem de regresso enquanto transportava a amada Eurídice não foi cumprida. Orfeu ao não resistir e olhou para trás, para assegurar-se de que a amada o acompanhava efetivamente nesta ascensão ao mundo dos vivos, condenou-a para sempre, gesto que lhe custou a perda nesta viagem ascensional. Em face do não cumprimento da promessa Hades e Perséfone

resolveram trazer de novo Eurídice para o reino dos mortos. Desconsolado e num gesto de fidelidade ímpar recusa amar, a partir de então, qualquer outra mulher. As Ménades, despeitadas pela rejeição de Orfeu mantam-no e atiram-no ao Rio Ebro. A sua morte permite-lhe então o encontro final com a sua amada. A morte de Eurídice mostra esta difícil viagem de amor. O insucesso deste empreendimento põe a nu o sentido ou o sem sentido da existência, destacando o lugar incontornável da liberdade e, ao mesmo tempo, da fidelidade e do amor. Facilmente se percebe esta consciência de que a existência humana é um moinho cruel que tritura cada um, não lhe restando outra alternativa senão lutar, combater para se libertar dessa condenação ao sofrimento, aspirar à morte que definitivamente o conduza a Eurídice. No dia 3 de março de 1976, no Diário XII, a este propósito escrevia:

Ainda não foi desta. A velha carcaça parece que vai resistir mais uma vez às facadas da cirurgia. E, sinceramente, para que hei-de continuar no mundo, se o meu corpo já está preenchido, ou gasto, ou fixado? Se já descí aos infernos e desobedeci ao mandamento de não fitar o rosto de Eurídice. (Torga, 1986, 144-145)

O poema Orfeu Rebelde, retirado da obra com o mesmo título, é, definitivamente, o canto de um condenado. Se o poder de encantamento que o seu canto produzia sobre todas as entidades que o ouvissem e lhe permitiram, num supremo gesto de amor, descer até ao Hades para tentar resgatar Eurídice, em Torga o seu canto é o clamor de um condenado, o testemunho sofrido, grito de um possesso que buscava em cada verso libertar-se do sofrimento que o atormentava, do moinho cruel que o triturava, da dureza da existência. Torga é o Orfeu rebelde numa viagem desafiante, marcada por obstáculos e contrariedades.

#### Orfeu rebelde

Orfeu rebelde, canto como sou:  
Canto como um possesso  
Que na casca do tempo, a canivete,  
Gravasse a fúria de cada momento;  
Canto, a ver se o meu canto compromete  
A eternidade no meu sofrimento.

Outros, felizes, sejam rouxinóis...  
Eu ergo a voz assim, num desafio:

Que o céu e a terra, pedra conjugadas  
Do moinho cruel que me tritura,  
Saibam que há gritos como há nortadas,  
Violências famintas de ternura.

Bicho instintivamente que adivinha a morte  
No corpo dum poeta que a recusa,  
Canto como quem usa  
Os versos em legítima defesa.  
Canto, sem perguntar à Musa  
Se o canto é de terror ou de beleza.

(Torga, 1970, 10-11)

A liberdade é a condição que o poeta, o cidadão, o existente reclama para enfrentar os reptos da vida, o chão que reclama para poder responder a cada situação, conservando com bravura e verticalidade a sua atitude, com a elevação ética que nenhum medo, cobardia, conformismo que a situação lhe pudesse aconselhar, foram por si visceralmente recusados. Na esteira dos filósofos da existência, particularmente Sartre, elege a liberdade como um dos valores centrais. No entanto, a sua conceção de liberdade não é incompatível com a liberdade do outro, nem o inferno de cada um. Em Torga a afirmação da liberdade de cada um, deve envolver a liberdade dos outros, da comunidade. O confronto da nossa liberdade com as forças que nos oprimem ou subjagam é constante, o poder é quase sempre desproporcionado, o que não impede a obstinação na luta ou a heroicidade do confronto, do caráter agónico do mesmo. Orfeu, Sísifo ou Tântalo são as figuras que lutam contra o medo, contra o destino, e por isso são compatíveis com a autenticidade e a coerência exigida pelo poeta para que cada um se possa conduzir com dignidade na existência. No universo bíblico as figuras de Job, Moisés ou Cristo participam na galeria dos que lutaram, dos que se entregaram generosamente na difícil travessia da vida, pugnando pelos valores mais elevados. Na galeria dos heróis mundanos destacam-se poetas como Lorca (Torga, 1982, 68-70), os combatentes da liberdade, os guerrilheiros como Che Guevara (Torga, 1968, 166-167) ou La Pasionaria (Doloroes Ibárruri Gomes) (Torga, 1982, 74-75), os aventureiros que partindo do mar de pedras do norte de Portugal, do distrito de Vila Real ousaram navegar oceanos, como Fernão de Magalhães (Torga, 1982, 45) ou Diogo Cão (Torga, 1986, 18). Na obra *Fogo Preso* esta exigência ética é evidente:

“Não existe raça sem os seus dons específicos, nem organismo social agredido que não acabe por rejeitar os alimentos tóxicos que não absorve. Há certas recusas que são, na sua espontaneidade, maneiras vivas de afirmação. Recusas que valem como resistência passiva a qualquer forma de coação, e como reflexos instintivos que defendem, mais ou menos dissimuladamente, os valores humilhados e recalçados, enquanto a explosão da vontade reprimida os não mostra à luz do sol na ígnea pureza das profundidades. Mil trezentos e oitenta e três, mil seiscentos e quarenta, mil novecentos e dez, e mil novecentos e setenta e quatro aí estão a atestar cronologicamente os surtos dessa realidade caseira. Então se verificou que certas virtualidades que pareciam mortas pulsam intactas na memória primordial da grei, e que nenhuma domesticação, nenhum cativo, nenhuma noite tirânica, nenhum mito repressivo eram capazes de apagar fogueiras acesas na lareira da condição.” (Torga, 1976, 107-108)

E, mais adiante, na mesma intervenção, referindo-se à relação entre o poeta e a revolução, a criação poética e o acontecer revolucionário, marcados por “uma indeterminação demiúrgica”, que acaba por conduzir na aventura à conclusão do poema e ao triunfo da revolução. A esperança, próxima da conceção paulina e marceliana (Marcel, 1944), de esperar contra toda a esperança, em Torga a esperança alimenta o desejo de libertação da escuridão e do medo, num exercício de cidadania livre, como cidadãos da polis, agindo solidariamente, em comunhão com os outros, pugnando contras ortodoxias, venham elas das famílias políticas de onde vierem.

O risco é o preço da esperança. E a luz da esperança faz recuar a escuridão e o medo. Fortes dessa certeza, nenhuma força nos vencerá. Mas, para tanto, é preciso que cada um de nós comece a dignificar o seu estatuto, de cidadão livre, a exercer o acto político na realidade total da sua própria existência, no seu viver quotidiano. Só assim poderá fazer coro sem cair no perigo de se anular na massa, caminhar na multidão na dupla qualidade de membro solidário e de pessoa. Não deixar de ser o que um homem deve ser: um ente que nasceu para se construir incansável e progressivamente, não a desfilhar nas avenidas hirtas e estéreis das ortodoxias, mas a trilhar os saibrosos carreiros da insatisfação, fiel às leis do instinto, instruído em todos os livros, nimbadado da claridade da imaginação, solícito aos apelos do momento, e sempre a estender a mão ao semelhante, num despreconceituado movimento de convivência. E sempre, também, a ouvir atentamente os recados do futuro... (Torga, 1976, 109-110)

A liberdade como aspiração, como conquista, como exercício quotidiano e permanente em face de tudo o que ameaça, da mentira, do medo, das injustiças que grassam em qualquer rincão do mundo. No *Cântico do Homem*, no poema conquista deixa-nos a liberdade como desejo, busca incessante, como conquista:

Livre não sou, que nem a própria vida  
Mo consente.  
Mas a minha aguerrida  
Teimosia  
É quebrar dia a dia  
Um grilhão da corrente.

Livre não sou, mas quero a liberdade.  
Trago-a dentro de mim como um destino.  
E vão lá desfazer o sonho de menino  
Que se afogou, e flutua  
Entre nenúfares de serenidade  
Depois de ter a lua.

(Torga, 1974, 54-55)

Ao longo deste artigo foi possível identificar um conjunto de pensadores com quem podemos estabelecer uma proximidade à obra de Torga. São sobretudo as temáticas da filosofia da existência as que de forma mais evidente se destacam. Armindo Augusto estabelece essa filiação:

Ele vive a angústia religiosa de Kierkgaard. Como Nietzsche, sente a tentação do ressentimento que continuamente lhe segreda a possibilidade de recriar o mundo. O ser-para-a-morte, a náusea, o riso, a ânsia de liberdade, toda a temática existencial lhe é familiar. Com Gabriel Marcel dá relevo à esperança. Com Jaspers vê limites por todos os lados. Com Unamuno, vive o sentimento trágico da vida. (Augusto, 1997, 48)

### 3. Conclusão

A obra de Torga é extraordinariamente sugestiva, abrindo para um conjunto vasto de possibilidades de análise. Neste artigo discutimos a poesia de Torga como uma poesia da alma e da paisagem, pensado a noção de alma como o sopro vital que anima o poeta, que vivifica o corpo numa comunhão íntima com a paisagem, com a Terra-mãe. Pensamos também a alma como local do encontro, confronto entre forças contrárias que se digladiam, como o



mais interior do poeta, onde se recolhe para ter a certeza de que continua a conservar a coerência do trajeto, a verdade do projeto humano em que se embrenhou, a verticalidade como marca da identidade pessoal. A relação com os filósofos da existência, como Sartre, Marcel, Camus, Jaspers, ou mesmo com Heidegger parece clara na obra de Torga. Os pensadores existenciais lutaram contra os idealismos que haviam esquecido o existente concreto, bateram-se contra as idealizações que desfocaram o rosto do homem ou, simplesmente o perderam no coletivo e na multidão. Estes filósofos combateram contra as abstrações, os complexos sistemas que insistiam em construir como magníficos palácios e a deixar o homem concreto habitar em lúgubres casebres. O confronto com a transcendência é constante em Torga, quando admira as construções megalíticas ou quando em momentos essenciais deixa que venha à superfície da sua poesia ou prosa a busca de um Deus que inúmeras vezes evoca, busca e não encontra. A problemática da angústia em Kierkegaard ou da morte de Deus em Nietzsche, as problemática da finitude e da morte, cara a autores como Sartre, Heidegger, Jaspers ou mesmo Marcel, a esperança e a liberdade, presente nestes filósofos, a luta, o confronto contra as ilusões simbolicamente representadas pela figura de Dom Quixote de Miguel Cervantes, o combate agónico consagrado pelo outro Miguel, a quem Torga também pede emprestado o nome, isto é, em Unamuno permitem-nos considerar a proximidade, filiação e diálogos de Torga com os autores mais representativos do pensamento filosófico dos séculos XIX e XX.

No entanto, são as figuras mitológicas como Sísifo, Orfeu, Anteu, Ulisses, Penélope, Eros, Tanatos, ou as figuras bíblicas como Job, Jonas, Adão, Caim, Cristo alimentam a criação poética e mostram o poder fulgurante com que se esquivam as imagens mais sugestivas desta poesia da alma e da paisagem.

#### **4. Referências bibliográficas**

- Augusto, Armindo (1997) *Miguel Torga. O Drama de Existir*. Chaves: Tartaruga
- Camus, Albert, (2002) *O Mito de Sísifo, Ensaio sobre o absurdo*, Lisboa: Editora Livros do Brasil.
- Heidegger, Martin (1987) *El Ser y el Tiempo*. Madrid: Fonde de Cultura Económica.
- Jaspers, Karl (1989) *Philosophie. (Orientation dans le monde. Eclaircissement de l'existence. Métaphysique)*. Paris: Springer-Verlag.

- Marcel, Gabriel (1940) *Du refus à l'invocation*. Paris: Gallimard.
- Marcel, Gabriel (1944) *Homo Viator*. Paris: Aubier Éditions Montaigne
- Marcel, Gabriel (1949) *Positions et approches concrètes du mystère ontologique*. Paris: J Vrin.
- Pascoaes, Teixeira (1991) *A Arte de Ser Português*. Lisboa: Assírio e Alvim
- Sartre, Jean Paul (1943) *L'êtr e le néant. Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard.
- Sartre, Jean Paul (1970) *O Existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Torga, Miguel (1968) *Diário X*, Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1978) *Diário VI*, (3ª edição) Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1983) *Diário VII*, (3ª edição revista) Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1983) *Diário XIII*, Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1986) *Diário XII*, (3ª edição revista) Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1991) *Diário XI*, Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1993) *Diário XVI*. Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel, (1977), *Odes*, (4ª edição) Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel, (1976) *Fogo Preso*. Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1974) *Cântico do Homem*. (4ª edição) Coimbra: Edição de Autor
- Torga, Miguel (1982) *Poemas Ibéricos*. (2ª edição) Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1936) *O Outro livro de Job*, Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1970) *Lamentação*, (3ª edição), Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1975) *Nihil Sibi* (3ª edição), Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1976) *Penas do Purgatório*, (3ª edição), Coimbra: Edição de Autor.
- Torga, Miguel (1983) *Câmara Ardente*, (2ª edição). Coimbra: Edição de Autor.
- Whitman Walt (1984) *Cálamo*. Lisboa: Assirio & Alvim.